

## Editorial

### Mal-estar e severidades subjetivas

Em tempos de severidades imaginárias que irrompem sob a malha de proteção simbólica do sujeito, este número da Mal-estar e Subjetividade traz à tona trabalhos que discutem e apontam, respectivamente, causas e efeitos da desorganização subjetiva que se deixam notar: pelo declínio da autoridade; na análise da realidade social que desemboca em atos de violência, segregação e falta de vergonha; na alienação do sujeito; nas afetações sobre o lugar da alteridade; nas intempéries ambientais vistas pela perspectiva física e social; nos sem-sentidos vividos pela óptica dos corpos invasivos e violentos; na melancolia no filme *Cidadão Kane* e na experiência e resultado terapêutico de pacientes psicóticos.

Formas de mal-estar que se apresentam mediante a incidência: de transtornos alimentares; na vontade de imagem que absolvem o sujeito da necessidade de experimentação; na visão do corpo da mulher, acompanhado da perspectiva do patriarcado à contemporaneidade; na sociedade de consumo e do trabalho e os reflexos sobre o ócio, o lazer e o tempo livre; no sofrimento do trabalhador e sua relação com o magistério superior; no sofrimento de mulheres trabalhadoras envolvidas com tarefas de limpeza urbana e sua relação com o sentimento de repetição e, finalmente, no Hino ao amor que Piaf sustenta durante sua vida como forma de subjetivar a dureza de uma constituição psíquica severa, em termos de escassez de afetividade.

É um número dedicado ao estudo do sofrimento. Sofrimento físico, sofrimento do sujeito atirado fora do laço que o faz existir, enfim, um sofrimento autenticamente psíquico, toda vez que se sabe que sofrer é uma característica subjetiva que cada um experimenta diante das indagações do discurso do Outro. Um sofrimento que pode, perfeitamente, ser tomado da poesia como possibilidade de desdobramento da *différance*, seguindo as vias abertas pelas primeiras facilitações na poética dos neurônios em Freud. Em última instância, o sofrer que se renova sempre que alguém tenta organizar o que tem como bases da representação subjetiva para enfrentar as intempéries que o outro, o próximo, o trabalho, o amor, entre tantas pontas de um nó, ameaçam com uma pergunta cuja reedição relembra o momento em que o sujeito se abate diante do seu reflexo e diz: o que o Outro quer de mim?

Esta resposta remete cada um a lugares mais familiares possíveis, para que, enfim, possa responder com estranheza. Resposta que se enlaça com uma experiência traumática, no sentido mais real que o termo suporta. É desse lugar que o sujeito reconhece o trabalho árduo que o afeta, isto é, que o angustia.

**Henrique Figueiredo Carneiro**  
**Editor e organizador**